

Imagens da cidade: das narrativas de crise

RESUMO GERAL

A imagem é o mediador fundamental das relações que se travam na cidade. Sobretudo no século XXI, quando o percurso diário de cada cidadão é marcado pela importância da tecnologia, tal como pela onipresença das mídias digitais e da publicidade. Por meio das imagens é que interagimos e nos relacionamos com os discursos que circulam no espaço urbano. A partir delas emergem padrões sobre os quais cada indivíduo constrói sua personalidade. Portanto, as imagens são dialéticas e são obras de passagem, cumprindo um papel de fazer confrontar tempos, espaços e saberes. Podendo ser compreendidas também como uma espécie de operador temporal de sobrevivências, portadora de uma relevante potência política relativa ao nosso passado, presente e futuro. Destacam-se recorrentemente como recurso de linguagem que constrói e reconstrói cotidianamente os discursos que circulam na cidade. Participando de maneira efetiva para os processos de subjetivação individuais.

Nesse sentido, para que se compreenda a vida urbana, tal como as produções e as práticas de resistência que acontecem nesse espaço, um caminho possível é aquele que se abre a partir do gesto metodológico compreendido por montagem. Essa, por sua vez, pode ser entendida como um exercício ficcional que faz confrontar dialeticamente tempos, espaços, vozes e palavras. Permitindo, nessa perspectiva, a ocorrência de encontros entre tempos e realidades distintas. Por isso, pode-se dizer que a montagem abre caminho para análises de temáticas extremamente atuais e complexas no que concerne à vida na cidade.

Não causa estranhamento dizer que a cidade em que vivemos não é a mesma em que viveram nossos pais e avós. Uma estrutura econômica, social e moral se afirmou como tradição no decorrer da modernidade, porém, pouco a pouco, todo esse aparato discursivo tem se transformado. Essas mudanças não se limitam ao campo subjetivo, elas estão expressas no tecido urbano. Novas formas de trabalhar, viver e se relacionar se apresentam, mas é o individualismo

que sustenta a maioria desses enunciados. O urbanismo também não escapa, os planejadores urbanos pensam em intervenções consonantes com o paradigma econômico e político neoliberal. Parece que estamos a beira do precipício, entretanto, essa percepção aflita de estarmos vivendo uma crise urbana está presente desde a gênese da modernidade. A previsibilidade de um passado marcado por processos de exclusão não emerge como alternativa crível para as incertezas vividas pelos habitantes da cidade de hoje. Sendo assim, uma questão está proposta de antemão aos interessados nesta sessão livre: o indivíduo hipermoderno pode, privado de tempo, da duração exigida pelos sentimentos, experimentar outra coisa além de sensações?

A pressa e a flexibilidade formam e deformam os indivíduos. Esses, responsabilizados totalmente por seus fracassos ou êxitos, tentam se orientar enquanto precisam construir suas próprias narrativas em um mundo repleto de estímulos e enunciados. Portanto, diante da dificuldade de se estabelecer vínculos sociais estáveis e, reconhecendo a capacidade das imagens de afetar a subjetividade dos cidadãos, torna-se necessário dialogar com outros pesquisadores interessados em analisar a vida na cidade a partir de uma perspectiva imagética. Consideramos as mais variadas produções artísticas como objetos legítimos de estudo científico, ampliamos essa abordagem e incluímos no escopo as produções digitais que possam ser confrontadas com outras imagens e trabalhos acadêmicos.

O OLHAR DA LITERATURA ACERCA DA ARTE DE DESEJAR NA CIDADE.

A cidade é mais que um lugar, é um espaço de circulação de pessoas, produtos e desejos. Tais entes são reformulados cotidianamente a partir da própria experiência urbana. Desse modo, interessa-me investigar imagens produzidas pela literatura urbana brasileira que tematizam o desejo e produzem subjetividade. Seja promovendo-o como forma de prazer e liberdade, ou, interditando-o na busca por disciplinar os corpos. Nesse sentido, pretendo realizar aquilo que Georges Didi-Huberman nomeou como montagem. Tal procedimento metodológico pode ser compreendido como um exercício ficcional

que faz confrontar dialeticamente tempos, espaços, vozes e palavras. Além disso, pode permitir encontros entre passado e presente, aqui e ali.

Sendo assim, a intenção deste trabalho é descobrir algumas tramas culturais elaboradas em consonância com a ordem urbana vigente, a partir da literatura. Nessa perspectiva, considera-se que a cidade discursa sobre o amor. Nas obras de autores como Clarice Lispector, Rubem Fonseca e Reinaldo Moares é possível perceber a perda de capacidade da urbanidade se sobrepôr à individualidade. Que táticas e que resistências podem ser observadas na cidade e nos livros? Essa é a pergunta.

A CRISE URBANA TAMBÉM É ESTÉTICA

Se em Didi-Huberman, as imagens podem ser vistas como um acontecimento singular que gera conhecimento, o que estátuas da liberdade de fibra de vidro ou touros dourados de plásticos nos dizem sobre a sociedade em que vivemos? Como não há imagem sem imaginação, essa apresentação pretende discutir como a crise urbana também é uma crise estética, ao discutir como o aparecimento de ícones kitsch no espaço urbano revelam um fascínio por algo familiar, ainda que seja algo estranho a nossa cultura. Neste sentido, devemos ver essas imagens mais do que um volume reconhecível, e sim como um ato ou um processo de algo invisível que move e modifica os desejos inconscientes de cidade. Então, nos perguntamos, qual é a cidade desejada moldada por esses ícones kitsch?

CARTOGRAFIAS DO DESEJO: SALVADOR PELA ÓTICA DA LITERATURA E DO CINEMA CONTEMPORÂNEO

A cartografia é um dos vários instrumentos utilizados para a interpretação de uma cidade. Traçar a cidade narrada a partir da diretriz cartográfica é percebê-la como um lugar habitado pelos desejos de transcrevê-la manifestados na interpretação que escritores e cineastas fazem das imagens urbanas de Salvador, a partir de aspectos do espaço físico-geográficos

(paisagem urbana), atrelados às formas de convívio humano existentes na cidade atual (convivência coletiva). Nesse ponto, o presente trabalho busca analisar os percursos prefixados das imagens urbanas através das intervenções que cineastas e escritores representam/fazem da cidade em seus textos e imagens, ou seja, a percepção da forma como os autores agenciam o sujeito e sua corporeidade nos espaços públicos de Salvador . Através de uma perspectiva multidisciplinar sobre os estudos da cidade, a capital baiana é lida a partir das narrativas O Canto da Sereia de Nelson Mota e Trampolim do Forte de João Mattos. Nota-se, assim, que a cartografia do desejo nas narrativas se inscreve nos textos a partir da interface entre a natureza e o urbano.

ERA A LUA QUE TUDO ASSISTIA: COTIDIANIDADE NAS CRÔNICAS CANTADAS

Como em toda façanha, a vida dos indivíduos na cidade se faz através de seus próprios experimentos, na vida do dia a dia, é assim que apreendemos o espaço e suas paisagens, e para compreender a vitalidade urbana a vida cotidiana é uma possibilidade. Estar na cidade não é uma opção, este contato é parte da rotina daqueles que ali vivem. *Se lá no morro da Mangueira, bem em frente a ribanceira uma cruz a gente vê* nos remete a descrição de um lugar, estes só ganham significado para àqueles que se vinculam com o espaço estático, seja ele construído ou natural, por seu uso, ou seja, pelas narrativas que ali se enredam. Então, *quem fincou foi a Rosinha*, mas Rosinha também é única dentro dessa vida pulsante cheia de significados, representações e imaginários, ela é *cabrocha de alta linha e nos olhos tem seu não sei que*. Assim, é a partir das crônicas cantadas que observo a cidade, com curtas narrativas, mas que tem grande importância para desvelar a cotidianidade em seu tecido esgarçado que nos permite ver as entrelinhas, aquilo que vincula (ou desvincula) as pessoas aos espaços através dos afetos.